



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,  
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR  
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA  
I FAZENDO ARTE NORTE

**O DIZER “DEUS”:  
UMA CRÍTICA HERMENÊUTICA A PARTIR  
DA TEOLOGIA FEMINISTA**

GT 7: RELIGIÃO E GÊNERO EM ESPAÇOS PLURAIS

Luana Pantoja Medeiros<sup>1</sup>  
Alexsandro Melo Medeiros<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela UFPE. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia/UFAM. Professor Assistente da UFAM. Bolsista e Pesquisador FAPEAM. E-mail: alexsandro-medeiros@ufam.edu.br.

## Introdução

Em uma época em que tanto se fala de desconstrução das ideologias patriarcais, a teologia não ficou imune a tais críticas por ter assumido ao longo das eras uma feição predominantemente masculina, como é possível perceber, por exemplo, na tradição judaico cristã: Deus é o pai e sua representação simboliza o poder masculino como um ancião de barbas brancas sentado em um trono segurando um cajado.

Rosado-Nunes (2006, p. 294) destaca que as religiões “assim como os estudos que tentam compreendê-las e explicá-las, sofreram, nas últimas décadas, de maneira significativa, os impactos do feminismo, seja como movimento, seja como pensamento”. O discurso teológico feminista emerge como um lugar de novas experiências de vida com o sagrado, provocando mudanças na linguagem e até mesmo na *práxis* religiosa, e de crítica das instituições religiosas, apontadas como androcêntricas, hierárquicas e excludentes das mulheres.

As reivindicações por parte das mulheres, no que diz respeito ao aspecto religioso e teológico são bem variados, como afirma Gebara em entrevista a Rosado-Nunes (2006, p. 298):

algumas teólogas trabalham o resgate das mulheres na Bíblia, outras, as imagens de Deus, a teologia antiga e a contemporânea, porém, sempre direcionada à sua intencionalidade específica. Além disso, podemos encontrar teologias feministas que fazem um trabalho de desconstrução da teologia patriarcal a partir de diferentes temáticas, seguindo de certa forma as divisões clássicas dos estudos teológicos.

As reivindicações por parte das mulheres incluem questões de acesso ao sacerdócio e ao pastorado, questões ritualísticas como o uso do véu no caso das mulçumanas, recuperar imagens femininas que foram encobertas pela escrita masculina na história da religião, questões hermenêuticas de interpretação dos textos sagrados e de ordem mais *metafísicas*<sup>3</sup> que dizem respeito à própria representação da divindade e até mesmo de lutas por libertação das mulheres, contra um sistema patriarcal de opressão que encontra na religião fundamento e justificativa.

Nesta comunicação, que segue uma proposta metodológica de pesquisa bibliográfica, iremos nos concentrar principalmente nas questões hermenêuticas de interpretação dos textos sa-

---

<sup>3</sup> Conforme Abbagnano (2007, p. 661), a Metafísica é a “Ciência primeira” ou a “ciência do que está além da experiência”. A Metafísica apresentou-se ao longo da história sob a forma de teologia, ontologia ou gnosologia. “O conceito de M. [metafísica] como teologia consiste em reconhecer como objeto da M. o ser mais elevado e perfeito, do qual provêm todos os outros seres e coisas do mundo. O privilégio de prioridade atribuído à M. decorre, neste caso, do caráter privilegiado do ser que é seu objeto: é o ser superior a todos e do qual todos os outros provêm”.

grados e nos limites impostos pela linguagem sobre o *dizer* e, conseqüentemente, o *pensar* Deus, apontando os limites do imaginário simbólico masculino com ênfase na tradição judaico cristã.

### **A representação judaico cristã patriarcal de Deus e o papel da mulher**

Nas antigas crenças politeístas as forças da natureza eram representadas por Deuses e Deusas. E mesmo assim, um papel central era atribuído aos deuses masculinos, como é o caso da mitologia grega: Zeus, Poseidon e Hades.<sup>4</sup> Com a queda do politeísmo e o início do monoteísmo, passa-se a adorar um Deus patriarcal e masculino, reservando a mulher um papel submisso e secundário.

A tradição judaico cristã impôs não apenas o monoteísmo como a própria ideia da masculinidade de Deus, subjacente aos ensinamentos doutrinários. Nos acostumamos a falar de Deus sempre do ponto de vista masculino: o pai, o amigo, o Senhor. Henriques (2003) ressalta a metáfora/representação do Deus Pai, do Juiz, patriarca poderoso, cuja representação simbólica exclui o feminino.

Por que usamos a metáfora de Deus como pai e não de Deus como mãe? Pereira (2015, p. 124) responde a esta questão evocando o fato de que a tradição cultivou mais o imaginário masculino do que o imaginário feminino. E isso em vários sentidos “os exemplos são muitos. Cristo, ‘cordeiro de Deus’, a imagem do cordeiro. Jesus não é um cordeiro [...] O cordeiro é do mundo masculino do trabalho, do pastoreio, do ritual, do sacrifício. É legítimo usar? Sim, é legítimo usar”. Mas porque não usar a metáfora “Jesus, galinha de Deus”? já que o próprio Cristo referiu a si mesmo:

“Jerusalém, Jerusalém, queria ser como a galinha que acolhe os pintinhos debaixo das asas...” O próprio Jesus aparece atribuindo-se a representação de “galinha”. Agora, pensem na liturgia: “Jesus, galinha de Deus, acolhe...”. Não dá, está interdito. Não posso usar? Está no Evangelho! É uma possibilidade. E aí não acolhemos as implicações, os alcances dessa imagem. Do cordeiro e da galinha: o que pode? (id., *ibidem*, p. 124).

---

<sup>4</sup> Zeus, Poseidon e Hades eram filhos do titã Cronos e de Rea. Zeus: “O deus maior da mitologia grega. Ele é especialmente o deus da luz, do céu e dos raios, mas assimila-se de um modo geral ao céu com seus fenômenos” (KURY, 1990, p. 474). Poseidon: “[...] rei dos mares [...] Como deus do mar, das águas correntes e dos lagos, da mesma forma que Zeus (v.) era o deus do céu e da terra e Hades (v.) era o deus do inferno, Poseidon provocava as tempestades no mar, comandava as ondas, abalava com seu tridente os rochedos costeiros e fazia as fontes aparecerem” (id., *ibidem*, p. 394-395). Hades: “O deus e rei dos mortos, [...] irmão de Zeus, de Hera, de Poseidon, de Hestia e de Deméter (vv.). Na partilha do universo após a vitória dos deuses sobre os Titãs coube a Hades o domínio do mundo subterrâneo (o inferno ou Tártaro) (vv.), enquanto Zeus recebia o Céu e Poseidon, o Mar” (id., *ibidem*, p. 198)

Todavia, diferente do cordeiro, a galinha evoca a metáfora da economia da casa, do quintal, do mundo das mulheres, por isso está interdito, ainda que seja uma imagem de acolhimento, de proteção, de amor. “O nosso ouvido não aguenta pensar isso na liturgia: ‘Jesus, galinha de Deus, acolhe-nos sobre tuas asas’ [...] Este é o problema que a teologia feminista coloca: quem escolhe? por que escolhe? o que sim e o que não?” (id., *ibidem*, p. 124).

A maioria dos ensinamentos judaico cristãos foram baseados nessa perspectiva religiosa patriarcal. Os homens têm todo o poder e às mulheres restava ocupar o segundo ou o terceiro lugar nas igrejas e no lar. Estando as mulheres relacionadas ao corpo<sup>5</sup>, à terra, ao sexo, à fraqueza, ao pecado, à natureza, à emoção, ao doméstico (privado). Ao passo que aos homens cabe a racionalidade, a objetividade, o espaço público, o poder soberano.

A mulher, como a natureza, poderia ser bela e sedutora por fora, mas isso só escondia corrupção, pecado, morte e condenação [...] A tradição cristã nos mostra um Deus patriarcal que se relaciona intimamente com a imagem do homem branco e rico, colaborando para a dominação da natureza e das mulheres (KROB, 2014, p. 3637).

São questões como estas que a teologia feminista procura problematizar, ressaltando principalmente a questão da linguagem como uma expressão simbólica e, no que diz respeito à linguagem sobre Deus, Gebara (2007) ressalta como essa linguagem é prioritariamente masculina e o mesmo pode ser dito no que concerne aos ensinamentos da tradição judaico cristã. Por isso se faz necessária uma crítica hermenêutica a partir do uso e dos limites que a representação da linguagem nos impõe. A teologia feminista propõe uma hermenêutica rompendo com interpretações teológicas conservadoras e opressoras, como veremos a partir de agora.

### **A crítica hermenêutica feminista**

Tradicionalmente a hermenêutica se refere ao estudo da interpretação de textos escritos, especialmente nas áreas de literatura, religião e direito. Com o tempo a hermenêutica passou a englobar todo processo interpretativo incluindo as formas verbais e não verbais de comunicação, compreendendo uma teoria geral da compreensão que deve ser capaz de estabelecer os princípios gerais de toda e qualquer compreensão e interpretação de manifestações linguísticas, partindo do princípio de que, onde houver linguagem, ali aplicar-se-ia sempre a interpretação.

---

<sup>5</sup> Para Rosado-Nunes (2006, p. 296), a visão cristã negativa da corporeidade, devida à compreensão dualista tradicional que prioriza o *espírito*, acaba por atribuir às mulheres, responsáveis pela reprodução da espécie, um lugar não apenas secundário, mas de periculosidade.

Aqui menciona-se utilizar hermenêutica como um instrumental para tratar da questão de interpretação principalmente dos textos sagrados e suas representações daí oriundas, a partir do que podemos chamar de uma *hermenêutica bíblica* (PAULA, 2012; RICOUER, 2006; SANTOS, 2008), pois, como afirma Paula (2012, p. 246): “A linguagem teológica-religiosa [...] fornece um conjunto de palavras, de símbolos, de signos e representações que não cessam de significar e ressignificar e que, portanto, necessitam, igualmente, de um sistema interpretativo”.

Nesse sentido, Gebara (1994) chama a atenção para uma hermenêutica feminista como uma nova forma de compreender Deus e que rompe com a ideia de que a mulher deve ler e interpretar a Bíblia a partir de esquemas epistemológicos masculinos.

Uma das áreas de aplicação da hermenêutica feminista é a do discurso teológico acerca de Deus. Neste domínio, uma das questões fundamentais diz respeito à possibilidade de utilização da analogia da maternidade para referir a relação de cuidado de Deus relativamente ao ser humano. Associada a esta possibilidade está, obviamente, a crítica da identificação de Deus com o masculino (TOLDY, 2009, p. 150).

A hermenêutica feminista propõe uma investigação crítica da imagem de Deus que o texto sagrado apresenta e supõe.

Ao ressaltar a metáfora/representação do Deus Pai, cuja representação simbólica exclui o feminino, Henriques (2003) propõe a necessidade de se *renomear* Deus, excluindo a visão androcêntrica da sua nomeação. Uma representação de Deus capaz de acolher tanto o feminino quanto o masculino, em torno do qual se deixe de fazer referência ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó, e se passe a referir ao Deus de Abraão e de Sara, de Isaac e de Rebeca, de Jacó, Lia e Raquel.

Todavia, não se trata tanto de substituir o modelo masculino por um modelo feminino ou substituir Deus pela Deusa, o que seria incorrer no mesmo erro, já que a divindade está acima de qualquer possibilidade de representação humana. Trata-se, com efeito, de apontar os limites do imaginário masculino a respeito de Deus e cuja imagem precisa ser superada.

A hermenêutica teológica feminista constitui uma crítica às projeções humanas de representação da divindade que são projeções antropomórficas no mesmo sentido em que o filósofo grego Xenófanes criticou, há mais de dois mil anos, a representação antropomórfica de Deus, quando dizia:

Mas se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões e pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens, os cavalos semelhantes aos cavalos, os bois semelhantes aos bois, desenhariam as formas dos deuses e os corpos fariam tais quais eles próprios têm

[...] Os egípcios dizem que os deuses têm nariz chato e são negros, os trácios, que eles têm olhos verdes e cabelos ruivos. (OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1996, fragmentos 15 e 16)<sup>6</sup>.

A analogia aqui é facilmente perceptível. No mesmo sentido em que Xenófanés criticava Homero e Hesíodo por terem atribuído aos deuses atos e comportamentos que são humanos, como roubo, adultério, fraude, e que inclusive faziam crer que os deuses tinham corpos, a hermenêutica teológica feminista põe em discussão a representação patriarcal judaico cristã de Deus como sendo um homem e com atributos exclusivamente masculinos: o pai, o amigo, o senhor.

É preciso tanto romper com a representação que se tem de Deus quanto com a ideia de que a mulher deve ler e interpretar a Bíblia a partir de esquemas epistemológicos masculinos. “Porque, se vou fazer uma exegese e sou uma mulher, eu vou e faço uma teologia que pensa o mundo das mulheres como uma coisa séria, como uma coisa importante” (PEREIRA, 2015, p. 126).

A teologia de bases patriarcal representa Deus como homem e o povo pecador aparece como sendo uma mulher que merece ser castigada, como nos textos proféticos de Ezequiel (PEREIRA, 2015) que tem sérias implicações de gênero e até mesmo sociais.

Pereira (2015, p. 122) toma como referência o capítulo 23 do livro do profeta Ezequiel para fazer o que ela chama de exegese e hermenêutica bíblica. A história (parábola/metáfora) de duas mulheres Oolá e Oolibá.

Quando se quer falar do povo, quando se quer construir uma metáfora, as mulheres sempre vão representar a parte do povo, enquanto Deus vai assumir o papel masculino. É sempre a relação de Deus com o povo. Deus, um homem; o povo, uma mulher. Essa é uma imagem muito recorrente.

A teóloga ressalta como o uso da linguagem tem não apenas limites, possibilidades, alcances, contradições, mas também implicações.

Deus é masculino; o povo, feminino: que implicações têm essa linguagem? Basicamente nós estamos lidando com o fenômeno da linguagem e a teologia tem essa concretização na ponta da língua. A teologia, no fim das contas, são as palavras que eu escolho para dizer e para me comunicar (id., ibidem, p. 122).

---

<sup>6</sup> Em relação aos filósofos pré-socráticos, nenhuma obra completou chegou até nós ao longo dos tempos. Existem apenas fragmentos do que os primeiros filósofos gregos deixaram de ensinamentos para nós, a partir do que outros filósofos disseram à respeito deles. Por esse motivo, preferimos inserir na citação o número respectivo do fragmento ao invés da numeração da página, o que torna ainda mais fácil a localização do trecho da citação.

De que escolha se trata aqui? Do uso da linguagem que coloca em evidência o modelo masculino e diminui o papel feminino. Ezequiel faz uma escolha ao falar da história de duas mulheres que irá prevalecer no imaginário popular. Ele faz teologia e usa uma metáfora, uma representação que tem implicações teológicas, culturais, simbólicas, psicológicas. “E ao longo dos séculos temos, dentro da história do judaísmo, do cristianismo, utilizado essas metáforas e outras, requentadas, recriadas” (id., ibidem, p. 123).

Outro exemplo de uma hermenêutica bíblica feminista nos é oferecido por Candiotto (2010) que propõe uma releitura da teologia da criação, ressaltando como essa leitura foi utilizada para justificar as desigualdades entre homens e mulheres privilegiando a cultura patriarcal, onde a mulher é considerada subalterna por haver sido criada *em segundo lugar*.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Henriques (2003), quando ressalta a metáfora/representação do Deus Pai, Candiotto (2010, p. 215) destaca como “o ser humano, por sua memória, inteligência e vontade, é criado à imagem do Deus Pai, do Deus Filho e do Deus Espírito Santo”. A hermenêutica teológica feminista questiona essa leitura à respeito da criação que prioriza a “figura humano-divina do homem” (id., ibidem, p. 217).

E ressalta que a Bíblia não é um livro neutro e que seu conteúdo “está condicionado pelas diferentes épocas em que foram elaborados seus textos; em certa medida, eles estão articulados com as condições sociais, políticas, econômicas e culturais vividas pelo povo de Deus em cada momento” (id., ibidem, p. 219). Por isso é necessária uma hermenêutica que ajude a superar esses condicionamentos, identificando elementos que serviram para subjugar a mulher e possibilite uma melhor compreensão teológica da própria divindade.

Talvez algum dia a questão a respeito da imagem de Deus e dos esquemas teológicos patriarcais sejam superados, assim como estão superadas as visões antropomórficas que se tinha de Deus na antiguidade. “Mas, enquanto as mulheres estiverem barradas, excluídas de processos de igualdade e protagonismo, em diversos aspectos, inclusive na Igreja, a teologia feminista é necessária” (PEREIRA, 2015, p. 135). Uma teologia crítica que “questiona todo o edifício teológico porque formula perguntas acerca dos próprios fundamentos teológicos, antropológicos, soteriológicos, cristológicos e eclesiológicos da teologia” (TOLDY, 2009, p. 156).

### **Considerações Finais**

Recentemente vemos um movimento que reconsidera as tradições, práticas, escrituras e teologias religiosas a partir de uma perspectiva feminista. Não se trata de substituir o modelo masculino

por um modelo feminino, muito menos de substituir Deus pela Deusa, mas de reconfigurar e reinterpretar o imaginário masculino a respeito de Deus, ou seja, considerar que a representação masculina de Deus não passa de uma limitação do imaginário simbólico e que esta imagem precisa ser superada.

O *dizer* Deus está centrado a partir de uma perspectiva hegemônica masculina, por isso Deus é representado como uma divindade masculina, e isso basta para por os homens em posição de superioridade com relação às mulheres. A linguagem da tradição ocidental é estruturada numa hierarquia masculina, que não simboliza o masculino e o feminino no mesmo plano e nem com o mesmo valor semântico. É preciso, portanto, discutir a questão da linguagem do feminino/masculino no discurso teológico sobre Deus.

Trata-se de uma forma literal e unilateral de representar Deus que utiliza imagens e linguagens masculinas para representá-lo. A teologia feminista enfatiza que Deus não pode se esgotar em nenhum atributo da linguagem humana. Podendo, no máximo, fazer aproximações mais ou menos precisas, não sendo desejável, portanto, atribuir uma dimensão masculina ou feminina a divindade.

Além disso, a civilização ocidental ampara-se na teologia judaico cristã como justificativa do domínio do homem sobre a natureza e sobre a mulher, apoiada não apenas na imagem de um Deus masculino, mas que interpreta os escritos bíblicos com predominância masculina, forjando uma identidade feminina de submissão ao homem.

A teologia feminista impõe uma criticidade sobre esse discurso patriarcal com o intuito de retirar o véu sexista que o encobre, desmascarando os critérios androcêntricos que subjugarão e pesaram sobre a mulher. Essa releitura oferece as mulheres uma nova forma de pensar e *dizer* Deus, sem a *lente masculina* ou fazendo uso de critérios epistemológicos masculinos, construindo novos significados e conceitos, compreendendo as sagradas escrituras com o que ela tem de reveladora sobre as mulheres, e principalmente para devolver a elas o lugar de legitimidade perante os homens, como também para que haja igualdade na esfera do discurso religioso que, por sua vez, se reflete na vida em sociedade.

#### **Referências Bibliográficas:**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

CANDIOTTO, Jaci de F. S. “A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero”. In: **Estudos de Religião**. São Paulo: UMESP, v. 24, n. 39, pp. 214-234, jul./dez. 2010. Disponível em «<http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v24n39p214-234>». Acesso em 23/08/2017.

HENRIQUES, Fernanda. Dizer Deus – outras metáforas. In: SILVA, Manuela (org.). **Dizer Deus**. Imagens e linguagens. Lisboa: Gótica, 2003.

GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de Mulher**. Coleção mulher: tema atual. São Paulo: Paulinas, 1994.

\_\_\_\_\_. **O que é Teologia feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

KROB, Daniéli B. “Teologia Feminista Latino-Americana, Teologia Feminista Negra e Teologia Ecofeminista: partes de um todo”. In: **18º REDOR – Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 24 a 27 de novembro de 2014. Disponível em: «<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/535/862>». Acesso em 25/06/2017.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 8º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS. **Fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

PAULA, Adna C. de. “A teoria da interpretação e a hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur”. In: **Teoliterária**. São Paulo: PUC-SP, v. 2, n. 4, pp. 240-252, 2012. Disponível em: «<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22910>». Acesso em 19/09/2017.

PEREIRA, Nancy Cardoso. “Teologia da mulher”. In: **Encontros Teológicos**. Vol. 30, n. 1, pp. 121-157, 2015. Disponível em: «<https://revista.facasc.edu.br/ret/article/view/77>». Acesso em 21/08/2017.

RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Trad. de Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ROSADO-NUNES, Maria J. “Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara”. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, 14(1): 336, pp. 294-304, janeiro-abril/2006. Disponível em: «<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100016>». Acesso em 25/06/2017.

SANTOS, Pedro P. A. dos. “Breve percurso histórico da Hermenêutica Bíblica”. In: **Atualidade Teológica**. Ano XII, n. 28, pp. 29-45, jan./abr. de 2008. Disponível em: «<http://dx.doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.18378>». Acesso em 18/09/2017.

TOLDY, Teresa Martinho. “Contributos da hermenêutica feminista para a(s) teologia(s)”. In: **Revista Didaskalia**. Vol. 39, n. 2, pp. 145-156, 2009. Disponível em: «<http://hdl.handle.net/10400.14/9912>». Acesso em 07/07/2017.